UMA EXPERIÊNCIA PIBIDIANA: O QUE ACONTECE QUANDO A LEI N° 10.639/09 ADENTRA O ENSINO DE LIBRAS COMO L2 ?

Pedro Esdras Lucena Pereira[1]
Ana Carmita Bezerra de Souza[2]
Mírian Ruth Teles Bezerra Borges[3]

Resumo
Neste artigo tivemos como objetivo analisar uma vivência que tivemos na condição de pibidianos do subprojeto educação Bilíngue de Surdos, priorizando o planejamento e a execução de uma aula/oficina, quando articulamos a Libras com a implementação da Lei nº 10.639/2003. Nos encantou a possibilidade promover um momento de letramentos: por um lado, a valorização da Cultura Negra e Afro-brasileira; por outro, os saberes da Cultura Surda, compreendida em suas manifestações no cenário local e nacional. A aula/oficina, intitulada *Aprendendo Classificadores (CL): Dia da Consciência Negra,* teve como objetivo c*onhecer o léxico em Libras relacionado à Cultura Negra e Afro-Brasileira* e foi planejada em seis momentos articulados: 1º) contextualização histórica acerca do Dia Nacional da Consciência Negra, 2º) conceituação da Consciência Negra; 3º) Prática dos classificadores, 4º) Momento reflexivo e provocativo; 5º) Problematização: *Onde vou encontrar a cultura africana e afro-brasileira?;* 6º) Tradução (para a Libras) de vídeos relacionados aos artefatos da cultura negra. Como resultados evidenciou-se a importância de uma formação docente atenta às mobilizações legais que impactam o currículo da escola pública e às interseccionalidades socioculturais dos estudantes; as escolhas metodológicas e conceituais do planejamento conduziram os alunos por diferentes momentos de aprendizagem, nos quais o ensino-aprendizagem linguístico em Libras estabeleceu um diálogo direto com as reflexões críticas sobre cultura, memória, ancestralidade e representatividade. Observou-se o engajamento dos estudantes em atividades que mobilizavam referências culturais presentes em seu cotidiano, como as manifestações artísticas e culturais afro-brasileiras. Mas também se visualizou resistências e lacunas diante das religiões de matriz africana. Isso reafirma a necessidade de que a escola continue se constituindo como espaço de problematização crítica das desigualdades e preconceitos que atravessam a sociedade brasileira; e aponta a necessidade de investigações e práticas pedagógicas que aproximem o ensino da Libras às perspectivas críticas e decoloniais no campo da educação antirracista.

Palavras-chave: Consciência negra, Classificadores, Lei nº 10.639/2003, relato de experiência, planejamento, aula.

[1] Estudante do Curso de Letras-Libras da UFCA, (5º semestre), bolsista do PIBID Educação Bilíngue de Surdos. E-mail: esdras.pereira@aluno.ufca.edu.br

[2] Professora doutora do curso de Letras-Libras da UFCA, com atuação na área de Fundamentos da Educação de Surdos, coordenadora do PIBID Educação bilíngue de Surdos. Vice-coordenadora do curso de Letras-Libras ana-carmita.souza@ufca.edu.br

[3] Professora da Educação Básica do Município de Juazeiro do Norte-Ce (SEDUC); supervisora do Pibid Educação Bilíngue de Surdos na escola municipal Tabelião Expedito Moreira. E-mail: mirianruthbezerra@gmail.com

Introdução

Neste artigo relatamos uma vivência na condição de pibidianos, na qual articulamos o ensino-aprendizagem da Libras com a implementação da Lei nº 10.639/2003, enfatizando o planejamento e a execução de uma aula/oficina. Vejamos: no âmbito das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no desenvolvimento do subprojeto Educação Bilíngue de Surdos da Universidade Federal do Cariri (UFCA), planejamos e executamos uma *aula/oficina de Libras* com o tema *Aprendendo Classificadores (CL) com consciência negra* na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Tabelião Expedito Pereira, escola de ensino regular em tempo integral do município de Juazeiro do Norte, Ceará que atende aos anos iniciais do ensino fundamental. A referida aula/oficina é parte da implementação de um projeto mais amplo do Pibid naquela escola, com o qual ofertamos o ensino de Libras para alunos ouvintes. Ação é deveras necessária, diante da presença de duas estudantes surdas matriculadas no 3º e 4º anos daquela escola, que, na ausência de políticas municipais efetivas que contemplem suas necessidades educacionais e linguísticas, encontram-se à margem dos processos de interação, comunicação e participação plena no contexto escolar, tanto com colegas quanto com professores e demais profissionais daquela instituição[4].

Desde o início, o projeto (oferta de aulas de Libras como L2) foi direcionado a 20 alunos ouvintes do 5º ano. Durante o planejamento, o grupo de bolsistas organizou-se coletivamente para a definição e elaboração dos conteúdos a serem desenvolvidos ao longo dos encontros. Considerando o calendário e as discussões internas do grupo, tecemos a proposta de alinhar uma das aulas do mês de novembro/2025 às políticas educacionais voltadas às relações étnico-raciais. Foi quando nos empolgamos com a possibilidade de utilizar o ensino da Libras como estratégia para promover um momento de letramentos: por um lado, a valorização da Cultura Negra e Afro-brasileira; por outro, os saberes da Cultura Surda, compreendida em suas manifestações no espaço nacional e caririense.

No cenário contemporâneo das políticas educacionais brasileiras, encontra-se institucionalizada a *Lei nº 10.639*, sancionada em 2003, a qual altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), tornando obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira nas instituições de ensino públicas e privadas, abrangendo da educação básica ao ensino superior. A implementação dessa legislação não decorre de um

[4] No município de Juazeiro do Norte, a oferta da educação de surdos ainda enfrenta entraves como a péssimas condições de trabalho para intérpretes de Libras, a falta de acessibilidade visual no espaço escolar, fragilidade na oferta da Libras como L1 e L2 e a ausência de currículo, materiais didáticos e práticas pedagógicas que integre os sujeitos Surdos.

fenômeno espontâneo ou de puro desejo dos representantes políticos, mas resulta das históricas lutas e reivindicações do Movimento Negro, que, desde a década de 1980, vêm denunciando a ausência de pluralidade cultural e a invisibilização das populações negras no currículo escolar, cobrando uma educação comprometida com a diversidade e a justiça social.

> **Art. 26-A**. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
> § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
> § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.[...]
> **Art. 79-B**. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'. (Brasil, 2003, *online*).

Em paralelo a essas mobilizações, outro movimento social, igualmente atravessado pelas contribuições dos Estudos Culturais (Hall, 1983), passou a tensionar o cenário excludente e ouvintista que historicamente solidificava as políticas educacionais e linguísticas no país: o Movimento Surdo. A partir das lutas, resistências e pressões articuladas pela comunidade surda, tornou-se possível a promulgação da Lei nº 10.436/2002, que reconhece oficialmente a Libras como meio legal de comunicação, uma Língua que, através de sua modalidade visual-motora e sua gramática própria, transmite as ideias do povo Surdo no Brasil (Quadros, 2018). Mas é posteriormente, com a publicação do Decreto nº 5.626/2005, que iniciou-se de fato o processo mais sistemático de regulamentação e fortalecimento da educação de surdos, bem como da formação e difusão do ensino de Libras nos diferentes níveis de ensino.

> Após a aprovação do *Decreto nº 5.626*, que regulamenta a *Lei nº 10.436*, outras mudanças aconteceram: a inclusão da Libras como disciplina curricular em todos os cursos de licenciatura e do curso de Fonoaudiologia; a formação de professores e instrutores da língua de sinais; a formação de tradutores e de intérpretes de Libras-Língua Portuguesa; e o uso e a difusão da Libras e da Língua Portuguesa para acesso, bem como para a garantia do direito à educação de pessoas surdas ou com deficiência auditiva. A criação dos cursos de Letras-Libras e de Pedagogia Bilíngue [...] (Müller et al., 2013).

Desse modo, evidencia-se que o avanço e a efetivação das políticas educacionais anteriormente mencionadas dependem da manutenção de uma postura contínua de reivindicação e engajamento político, que atravesse todo o espaço escolar, desde a gestão até os estudantes. Nesse contexto, torna-se imprescindível que nós, licenciandos em Letras-Libras, adotemos uma postura crítica e experimental, capaz de estabelecer conexões entre os saberes produzidos pelas diversas comunidades e povos que constituem a realidade sociocultural

brasileira, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais plurais, inclusivas e socialmente comprometidas.

É nesse quadro e a partir dessas motivações, que a aula/oficina realizada em 18 de novembro de 2025, intitulada *Aprendendo Classificadores (CL): Dia da Consciência Negra,* impulsionou a elaboração do presente trabalho, configurado como um relato de experiência; que tem como objetivos narrar e analisar essa vivência pibidiana, buscando ampliar os horizontes de reflexão acerca da articulação entre o processo de ensino-aprendizagem da Libras e a implementação da Lei nº 10.639/2003.

Daqui por diante o leitor encontrará o relato de como pensamos o planejamento; do que ocorreu na oficina planejada; além de algumas considerações finais, mas provisórias, com o que pretende-se que sirva de guia para direcionamentos de novas pesquisas neste sentido.

O planejar: desafios e escolhas com consciência (negra)

No livro *Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas*, publicado em 2023 e organizado por Ratts, Rios e Santos, pesquisadores da área das Humanidades reúnem e sistematizam conceitos fundamentais construídos historicamente em torno das relações étnico-raciais. Entre os verbetes que compõem a obra, no capítulo intitulado *"Consciência Negra",* Silva ao discorrer sobre a valorização do Dia Nacional da Consciência Negra, conclui:

> O Dia Nacional da Consciência Negra resulta de um exaustivo trabalho, nascido há cerca de meio século, que favoreceu a identidade, a memória, a ancestralidade, o pertencimento e o prazer da pessoa negra em regozijar-se, a partir das conexões com o seu segmento, enxergando-se em outras pessoas com as quais compartilha uma história comum. (Silva, 2023, p.88).

Sua reflexão evidencia as potencialidades mobilizadoras que essa data evoca nos espaços educacionais, especialmente enquanto dispositivo político-pedagógico de afirmação identitária e enfrentamento ao racismo. Assim, enquanto licenciandos do curso de Letras-Libras, nos reconhecemos como sujeitos implicados na construção de práticas que articulem essas potencialidades.

Movidos por esse propósito, delimitamos como objetivo geral da aula/oficina *Conhecer o léxico em Libras relacionado à Cultura Negra e Afro-Brasileira*. Para além da ampliação vocabular, estabelecemos como objetivos específicos: *formular hipóteses quanto ao uso de Classificadores (CL); produzir sentenças sinalizadas mobilizando o vocabulário trabalhado; reconhecer a presença da herança afrodiaspórica nas práticas culturais locais; identificar semelhanças e diferenças estéticas visuais; respeitar e valorizar as diversidades culturais e problematizar preconceitos e discursos excludentes.*

Com estes objetivos, a sequência da ação didática foi organizada em seis momentos articulados: 1º) contextualização histórica acerca do Dia Nacional da Consciência Negra, enfatizando a figura de Zumbi dos Palmares; 2º) conceituação da Consciência Negra, salientando entre outros conceitos, o de ancestralidade; 3º) Prática dos classificadores, com ênfase na autodescrição fisionômica; 4º) Momento reflexivo e provocativo:*Com quem me pareço? e Quais estão presentes nos meus livros?* 5º) Problematização: *Onde vou encontrar a cultura africana e afro-brasileira?;* 6º) atividade coletiva de tradução do vídeo intitulado *Roda de capoeira | Comunidade Quilombola | Série AUÊ – 1ª temporada*[5] e da música *Meu passarinho cantou*[6] da Mestra de Cultura Maria de Tiê[7].

A definição dos objetivos como etapa inicial do planejamento justifica-se pelo caráter ainda experimental da articulação entre esses campos de saber no cenário educacional atual. Foi nesse movimento que identificamos, nos Classificadores[8] da Libras, um fio condutor entre os campos linguístico e sociocultural a serem trabalhados na aula. A presença dos Classificadores (CL) na Libras está diretamente relacionada à modalidade visual-espacial da Língua, sendo esses morfemas responsáveis por produzir efeitos de iconicidade na relação entre significado e sinal. Tal característica amplia as possibilidades expressivas da Língua, permitindo representar visualmente formas, movimentos e demais características dos referentes (Brito, 2010). No contexto desta proposta pedagógica, optamos por enfatizar o Classificador do tipo descritivo, cuja função consiste em detalhar aspectos como formato, tamanho, espessura e textura, permitindo ao sinalizante representar, de forma icônica, traços corporais, objetos ou elementos presentes em uma imagem/ação.

Do ponto de vista metodológico, organizamos a aula com apoio de slides, concebidos não apenas como recurso ilustrativo, mas como instrumento que norteia a sequência didática. O material reúne o vocabulário selecionado, imagens contextualizadas e provocações que

[5] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=v8Yfi7A6oXA&pp=ygVJIFJvZGEgZGUgY2Fwb2VpcmEgfCBDb211bmlkYWRlIFF1aWxvbWJvbGEgfCBTw6lyaWUgQVXDiiDigJMgMcKqIHRlbXBvcmFkYQ%3D%3D

[6] Disponível em: https://youtu.be/qc5EuJnnno8?si=_K2ViTTCc0Vxf_JT&t=874

[7] Renomada líder cultural e quilombola da Comunidade dos Souza (Município de Porteiras), no Cariri cearense.

[8] Classificadores (CL) na Libras são morfemas que compõem a estrutura gramatical da Língua Brasileira de Sinais e possibilitam representar visualmente características de pessoas, objetos e ações. A partir da configuração das mãos, dos movimentos e do uso do espaço de sinalização, esses elementos permitem indicar aspectos como forma, tamanho, posição ou deslocamento de um referente. No caso dos classificadores descritivos, mobilizados nesta proposta pedagógica, sua função consiste em detalhar características físicas e visuais, como formato do rosto, tipo de cabelo ou outros traços corporais.

favorecem momentos expositivos, reflexivos, dialógicos e práticos. Esse suporte visual é fundamental para o ensino de Libras, considerando a visualidade como um dos pilares no processo de aprendizagem da Língua.

No 1º momento da aula, contextualização histórica acerca do *Dia Nacional da Consciência Negra*, ressaltando as ações e a imagem de Zumbi dos Palmares e destacando os impactos de suas lutas e resistências no contexto em que a população negra se encontrava submetida à escravização, sempre ancorado no *vocabulário gerador* que dita a aprendizagem da Libras. Em seguida, introduzimos e conceituamos dos CL, exemplificando seu uso por meio da descrição das imagens contextualizadas.

Na sequência em 2° momento, conceituação da Consciência Negra, nos fundamentando no pensamento já apresentado de Silva (2023), onde destacamos a memória, a ancestralidade, a herança cultural e a autovalorização do povo negro como princípios essenciais a serem trabalhados e fortalecidos na construção dessa consciência crítica dos alunos.

Em continuidade na 3º etapa, estruturamos a prática dos classificadores, quando os estudantes seriam convidados a realizar uma autodescrição fisionômica. A atividade exigiria a sinalização dos morfemas introduzidos anteriormente, detalhando formatos, volumes e características corporais, tomando como referência a sinalização apresentada no momento inicial da aula.

Indo de encontro aos objetivos propostos, organizamos o 4º momento de caráter mais reflexivo e provocativo, articulando a análise descritiva dos traços físicos e estéticos de grandes artistas e pensadores afro-brasileiros em contraste com personagens recorrentes da história europeia. A partir dessa comparação visual, lançamos os questionamentos: *Com quem me pareço? e Quais estão presentes nos meus livros?* Tais indagações utilizariam como referência a continuidade da prática dos CL descritivos para demarcar suas semelhanças e diferenças estéticas, e também possibilita a nós, uma análise sobre a presença das referências negras nas atividades didáticas cotidianas.

Em seguida, no 5º momento planejamos dar continuidade à problematização por meio de novos questionamentos, lançando a indagação: *Onde vou encontrar a cultura africana e afro-brasileira?*. Essa pergunta abre caminho para a introdução de uma nova sequência de sinais e conceitos capazes de mediar o diálogo entre nós e os alunos, os quais seriam estimulados a contribuir com suas perspectivas, hipóteses e experiências acerca dos conteúdos abordados. O vocabulário gerador busca responder à questão proposta ao explorar dimensões nas quais essa herança se manifesta de maneira significativa em nosso cotidiano. Para tanto,

organizamos a discussão a partir dos eixos *oralidade, religiosidade, arte e cultura,* compreendidos como expressões fundamentais da contribuição africana e afro-brasileira.

Por fim, com o objetivo de colocar em prática os momentos anteriores de aprendizagem dos CL e do vocabulário gerador, elaboramos, para concluir a aula, o 6º momento com uma atividade coletiva de tradução. Com a turma seria dividida em dois grupos, um dos grupos realizaria a tradução do vídeo do Canal Parabolé, intitulado *Roda de capoeira | Comunidade Quilombola | Série AUÊ – 1ª temporada*, enquanto o outro grupo ficaria responsável pela tradução da música *Meu passarinho cantou*. Ambas as produções foram selecionadas por dialogarem com os eixos oralidade, arte e cultura previamente discutidos, além de possibilitarem a mobilização dos classificadores descritivos na representação de movimentos, personagens e elementos visuais presentes nos materiais audiovisuais.

Com isso, o planejamento da aula e a elaboração do material didático, articulados aos fundamentos teóricos, objetivos pedagógicos e alimentados pelos questionamentos acerca dos moldes tradicionalmente utilizados no ensino de Libras para ouvintes, a sequência didática mostrou-se potente para abordar os CL, bem como os sinais relacionados à esfera cultural africana e afro-brasileira. A partir dessas definições e expectativas pedagógicas, apresentamos, no tópico seguinte, a realização da aula e os desdobramentos observados durante sua execução em sala.

A aula: aprendendo Classificadores (CL) com Consciência Negra

Sobre o grupo de estudantes, em sua maioria, pertenciam à turma do 5º ano; no entanto, devido ao interesse de irmãos mais novos, algumas exceções foram abertas, possibilitando também a presença de alunos do 2º ano. No encontro realizado no dia 18 de novembro, contamos com a participação de 11 estudantes, sendo 8 meninas e 3 meninos, majoritariamente negros e negras.

Essa breve contextualização torna-se relevante porque compreendemos a proposta da aula como um momento oportuno para a produção de impactos significativos na trajetória escolar do estudante negro. Trata-se de um convite que mobiliza os alunos a recorrerem às suas próprias experiências e percepções relacionadas à temática abordada. Nesse sentido, a natureza experimental da proposta exigiu de nós, mediadores da aula, um olhar atento e analítico para perceber, tanto as presenças quanto às lacunas no que se refere aos letramentos raciais; bem como a adoção de uma postura paciente e acolhedora, capaz de apoiar os estudantes na construção de hipóteses e na elaboração de seus próprios discursos.

Moreira (2024), ao destrinchar definições acerca do letramento racial, menciona aspectos importantes para refletirmos acerca do que está em jogo nas relações étnico-raciais no espaço escolar e de como tais dimensões recaem diretamente ao papel de nós educadores que nos propomos a desenvolvemos práticas pedagógicas comprometidas com o eixo.

> O letramento racial não se resume a um tipo de conhecimento intelectual de certos aspectos da dinâmica social; ele **pressupõe diversas formas de engajamento social** necessário para o combate dos mecanismos que procuram concentrar formas de poder nas mãos dos membros do grupo racial dominante. Assim, o letramento racial conduz a um tipo de moralidade pública que reforça o comprometimento com preceitos centrais do regime democrático, notoriamente com a **construção de uma cultura pública baseada no reconhecimento da igualdade moral** entre todos os membros da comunidade política. Dessa forma, a noção de letramento racial é um método de **natureza dinâmica no qual a raça opera como um parâmetro para o conhecimento** e diagnóstico das dinâmicas específicas das relações de poder entre grupos raciais em uma determinada sociedade. (Moreira, 2024, p. 74, grifos nossos).

A partir da contribuição do autor, torna-se possível compreender o letramento racial como uma prática que ultrapassa o domínio conceitual, e que se configura como um exercício ético e político a ser praticado em nossas relações sociais cotidianas. Nessa noção, a aula não se satisfaz apenas com ensino de conteúdos linguísticos da Libras, mas se alimenta dos engajamentos que, ainda que iniciais, apontassem para a construção de uma consciência crítica acerca das relações de poder que marginalizam as práticas culturais da população negra, aproximando os alunos a um processo dinâmico da noção de letramento racial e utilizando o ensino de Libras como ferramenta de leitura e intervenção.

Dando continuidade à sequência didática, primeira etapa da aula consistiu na contextualização histórica do Dia da Consciência Negra e de seu reconhecimento no território brasileiro. Esse momento inicial permitiu evidenciar os conhecimentos básicos e introdutórios que os alunos já possuíam sobre a temática. Na ocasião, alguns estudantes relataram ter tido contato prévio com discussões relacionadas à data em atividades desenvolvidas por alguns professores em sala de aula, o que indicou certa familiaridade inicial com o tema. Contudo, as falas também revelaram que essas discussões pareciam restritas à um grupo de professores e somente no espaço escolar, evidenciando a pouca circulação dessas reflexões em outros espaços.

Ainda nessa primeira etapa, ao introduzirmos um resumo da história de Zumbi dos Palmares, observamos que apenas um pequeno número de alunos demonstrava conhecer seus feitos no período escravista do Brasil. Os estudantes também se mostraram surpresos ao descobrirem que, na região do Cariri, existem territórios quilombolas, mostrando que, embora a data da Consciência Negra esteja presente no calendário escolar, o conhecimento acerca de seus personagens históricos e da cultura afro-brasileira presente no território local ainda se

apresenta de forma instável entre os alunos. Apesar dessas lacunas em seus conhecimentos introdutórios, a prática de sinalização do vocabulário gerador não apresentou entraves; ao contrário, a novidade contribuiu para a linearidade da aula e para a compreensão da proposta pedagógica, possibilitando que os conceitos discutidos fossem progressivamente ancorados em elementos visuais e linguísticos próprios da Libras.

Para encerrar esse primeiro momento, introduzimos os morfemas CL do tipo descritivo na dinâmica da aula. Com o apoio das imagens previamente selecionadas, conduzimos o exercício coletivo de descrição, no qual os estudantes foram convidados a identificar e sinalizar diferentes elementos presentes nas imagens. Nesse processo, exploramos, por exemplo, o formato do rosto de Zumbi, os adereços utilizados pelos sujeitos escravizados e outros detalhes observados pelos próprios alunos. A atividade revelou-se bastante dinâmica, o conceito e a aplicação dos classificadores foram recebidos com entusiasmo pela turma, o que estimulou os estudantes a participar ativamente da construção das descrições em Libras.

No momento seguinte da aula, utilizamos o questionamento: *O que tem dentro da Consciência Negra?* para introduzir os princípios destacados por Silva (2023). À medida que os tópicos eram conceituados e o vocabulário gerador desse momento era apresentado em Libras, tornou-se evidente que o termo "ancestralidade" surgia como novidade para parte significativa dos estudantes. Embora demonstrassem compreender a ideia de "ancestral", vinculada às gerações anteriores da família, a noção de ancestralidade como fenômeno vivo da herança cultural ainda não lhes era familiar. Diante disso, recorremos a uma metáfora explicativa, comparando a ancestralidade a uma espécie de "nuvem de armazenamento" de conhecimentos, construída ao longo do tempo pelos nossos ancestrais. A partir dessa ideia, discutimos que esses saberes podem ser acessados quando buscamos espaços, territórios e sujeitos que preservam e compartilham tais conhecimentos ancestrais.

Seguindo em articulação com esse momento, passamos à etapa provocativa e comparativa da aula, conduzida pelos questionamentos *Com quem me pareço?* e *Quais estão presentes nos meus livros?*. O primeiro questionamento, acompanhado da prática de sinalização dos CL descritivos, mobilizou nos estudantes um exercício de reconhecimento e associação entre os traços físicos observados nas imagens e as referências presentes em suas próprias memórias e vivências familiares. Nesse processo, emergiram falas espontâneas que indicavam esse movimento de identificação com os personagens negros do nosso país, como: *"igual o cabelo do meu pai"*, *"ela é parecida com minha tia"* e *"quero meu cabelo assim"*. Já na segunda pergunta, os alunos relataram ter lembranças com as imagens dos personagens da história europeia ao explorarem seus livros didáticos, mas que não recordavam de seus nomes

ou feitos, esse mesmo desconhecimento também se mostrou presente em relação às referências negras apresentadas.

Após isso, demos continuidade à sequência pedagógica, orientada pelo questionamento: *Onde vou encontrar a cultura africana e afro-brasileira?*. A partir dessa indagação, trabalhamos o vocabulário em Libras relacionado aos eixos *oralidade, religião, arte* e *cultura*. No primeiro eixo, apresentamos como artefatos da cultura africana e afro-brasileira a contação de histórias, os ditados populares e algumas palavras incorporadas ao nosso cotidiano linguístico. Destacamos que tais práticas e artefatos desempenham papel fundamental na preservação e na transmissão de elementos da vida e das experiências do povo negro em sua trajetória no Brasil. Para exemplificar esse eixo, realizamos (para "surpresa" do nosso plano de aula) uma breve contação de um *Itan*[9] do orixá *Orunmilá*, chamado *"Orunmila aprende o segredo da fabricação dos homens"* (Prandi, 2001). A atividade foi recebida com entusiasmo pelos estudantes, que se mostraram atentos à narrativa e, em diversos momentos, buscavam acompanhar a sinalização realizada por nós professores, tentando reproduzir os sinais e participar da construção da história em Libras.

No entanto, o eixo *religião* foi marcado por um comportamento de resistência por parte de alguns estudantes, expresso em falas e atitudes que indicavam concepções de intolerância relacionadas às religiões de matriz africana (em alguns casos de forma velada, em outros de maneira mais explícita). Durante esse momento, o vocabulário gerador era apresentado e as discussões eram lançadas, porém observava-se pouca devolutiva por parte dos alunos, evidenciada no silêncio, hesitação ou comentários que revelavam certo distanciamento em relação ao tema. Essa reação entendemos não apenas como atitudes individuais dos estudantes, mas também como reflexo de processos sociais mais amplos. Como aponta Almeida (2019) em sua reflexão sobre o *Racismo Estrutural*, o racismo se manifesta de forma institucionalizada nas estruturas sociais, atravessando diferentes espaços de socialização e influenciando percepções, valores e comportamentos. Nós, como uma sociedade pós-colonizada, atravessada por uma trajetória de ideais sobre um "sujeito certo" que subalterniza o povo negro e sua cultura, nos deparamos com esses "valores" racistas enrustidos em todos os mecanismos sociais (família, escola, igreja, espaços de lazer).

Assim, a mediação pedagógica buscou deslocar o debate para uma perspectiva formativa, enfatizando que tratar das religiões de matriz africana, naquele contexto, não tinha

[9] Lendas e histórias orais da mitologia iorubá que narram a vida, os feitos e os mitos dos Orixás, com objetivo de transmitir valores, costumes e também explicar fenômenos da natureza.

como objetivo promover adesões religiosas, mas compreender dimensões importantes da formação cultural do país. Nosso esforço concentrou-se em provocar reflexões e reafirmar junto aos estudantes que o reconhecimento e o respeito à diversidade religiosa constituem princípios da convivência democrática e do próprio ambiente escolar.

Por outro lado, nos eixos *arte* e *cultura*, os alunos engajaram-se com mais facilidade e fluidez, possivelmente por se tratar de uma temática que evoca elementos enraizados e presentes nas ruas, festividades, comércios, templos religiosos, músicas e demais territórios. Nesse cenário de familiaridade com os eixos, alguns dos estudantes (brincantes da tradição do Reisado, Capoeira ou que possuem memórias com essas expressões) compreenderam o vocabulário gerador de maneira viva e dinâmica, assimilando não só os sinais em Libras com a visualidade das manifestações culturais, mas também entendo seus corpos como pertencentes à uma cultura afro-brasileira.

Por fim, a atividade de tradução do vídeos "*Roda de capoeira | Comunidade Quilombola | Série AUÊ – 1ª temporada* e da música "*Meu passarinho cantou"* configurou-se como um momento pedagógico bastante significativo que proporcionou aos alunos muito mais do que a prática do vocabulário aprendido, mas deu início ao processo de aprendizado acerca da construção de discursos em Libras. Isso porque o processo de tradução exige dos estudantes não somente o reconhecimento lexical dos sinais, mas também a compreensão das estruturas gramaticais envolvidas entre as línguas. Durante essa atividade, os alunos foram estimulados a refletir sobre como organizar visualmente as informações em Libras, considerando a coesão da sinalização, o uso do espaço de sinalização e a mobilização de morfemas CL. Dessa forma, a tradução funcionou como a síntese dos conteúdos abordados na aula, articulando o vocabulário gerador, o uso dos classificadores e os referenciais culturais discutidos, em sincronia à criação de hipóteses para a construção de narrativas e interpretações próprias em Libras.

Considerações finais

Neste trabalho tivemos o objetivo de narrar e analisar uma vivência pibidiana, na qual conseguimos, através de uma oficina/aula, realizar a articulação entre a Libras e a educação para relações étnico-raciais. A experiência relatada evidenciou a importância de que a formação docente esteja atenta às mobilizações legais que impactam o currículo da escola pública e às interseccionalidades socioculturais dos estudantes, especialmente quando se trata da promoção de práticas educativas que dialoguem com os princípios da Lei nº 10.639/2003.

O processo de planejamento revelou-se, nesse percurso, um momento desafiador, porém fundamental. As escolhas metodológicas e conceituais realizadas buscaram estruturar uma

sequência didática capaz de conduzir os alunos por diferentes momentos de aprendizagem, nos quais o ensino-aprendizagem linguístico em Libras estabeleceu um diálogo direto à reflexões críticas sobre cultura, memória, ancestralidade e representatividade. Desse modo, o trabalho desenvolvido em sala se aproximou da noção de letramento racial enquanto processo dinâmico, no qual a Libras atuou como ferramenta de leitura e intervenção no mundo social, contribuindo para que os educandos abram seus olhos para às relações de poder e se comprometam com a valorização da diversidade.

A execução da oficina evidenciou, por sua vez, diferentes dimensões do processo educativo. De um lado, observou-se o engajamento dos estudantes em atividades que mobilizavam referências culturais presentes em seu cotidiano, como as manifestações artísticas e culturais afro-brasileiras. De outro, se tornaram visíveis algumas resistências e lacunas relacionadas às discussões sobre religiosidade de matriz africana, o que reafirma a necessidade de que a escola continue se constituindo como espaço de problematização crítica das desigualdades e preconceitos que atravessam a sociedade brasileira. Por fim, compreendemos que experiências como esta apontam para a necessidade de continuidade de investigações e práticas pedagógicas que aproximem o ensino da Libras às perspectivas críticas e decoloniais no campo da educação antirracista.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 06 fev. 2026.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 06 fev. 2026.

BRASIL. **Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436/2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 06 fev. 2026.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. ed. Rio de janeiro: TB - Edições Tempo Brasileiro, 2010.

MÜLLER, Janete Inês; Stürmer, Ingrid Ertel; Karnopp, Lodenir Becker; THOMA, Adriana da Silva. **Educação Bilíngue para Surdos:** interlocução entre políticas linguísticas e educacionais. In: MATTES, Marlene Gonçalves; MAGGI, Noeli Reck (Orgs). Nonada: Letras em Revista. V. 02, n. 21. Uniritter: Porto Alegre: 2013. Disponível em:https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451671022